

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 39, nº 1 (Jan/Dez) 2023
ISSN: 2178-7476



**A ESCRITA DA HISTÓRIA E SEUS DESPROPÓSITOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COM
MICHEL DE CERTEAU E MANOEL DE BARROS**

**THE WRITING OF HISTORY AND ITS NONSENSE: A RESEARCH EXPERIENCE WITH MICHEL
DE CERTEAU AND MANOEL DE BARROS**

**LA ESCRITURA DE LA HISTORIA Y SU SINSENTIDO: UNA EXPERIENCIA DE INVESTIGACIÓN
CON MICHEL DE CERTEAU Y MANOEL DE BARROS**

Josiane Brolo

Doutora em Educação

Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR/Vilhena

E-mail: josiane.brolo@unir.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3294-3823>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência de pesquisa sobre o cotidiano escolar de uma instituição educativa, na qual teve como principal referencial teórico Michel de Certeau, unido à poesia de Manoel de Barros. Para tanto, a experiência da pesquisa volta-se para destacar as artes de fazer, desde a iniciativa da construção da escola pela própria comunidade, como também no que se refere à dinâmica criadora, inventiva e astuciosa daqueles que participaram do seu cotidiano escolar. A metodologia está ancorada em uma pesquisa qualitativa, de cunho histórico e como recursos utilizou-se de testemunhos orais e documentos históricos sobre a educação da cidade de Sinop-MT. Trata-se de uma proposta de escrita da história que se assume como uma versão inacabada, repleta de despropósitos, como diria Manoel de Barros. Contudo, versa sobre a composição de uma história a contrapelo, a partir de olhares de um fazer ciência com arte e poesia, convidando o leitor a olhar para um passado, em que cada um, à sua maneira, exercia como ninguém suas artes de se fazer sujeito, cada qual com a singularidade que lhe era própria.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Michel de Certeau; Manoel de Barros.

ABSTRACT: This work aims to present a research experience on the school daily life of an educational institution, in which Michel de Certeau had as its main theoretical reference, together with the poetry of Manoel de Barros. To this end, the research experience focuses on highlighting the arts of making, from the initiative of the construction of the school by the community itself, as well as about the creative, inventive, and astute dynamics of those who participated in their school daily life. The methodology is anchored in qualitative research, of a historical nature and as resources it was used oral testimonies and historical documents about the education of the city of Sinop-MT. It is a proposal for the writing of history that assumes itself as an unfinished version, full of nonsense, as Manoel de Barros would say. However, it deals with the composition of a history against the grain, from the perspectives of a doing science with art and poetry, inviting the reader to look at a past, in which each one, in their own way, exercised their arts of making themselves a subject like no one else, each with the singularity that was its own.

KEYWORDS: History of Education; Michel de Certeau; Manoel de Barros.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo presentar una experiencia de investigación sobre la cotidianidad escolar de una institución educativa, en la que Michel de Certeau tuvo como principal referente teórico, junto a la poesía de Manoel de Barros. Para ello, la experiencia investigativa se centra en destacar las artes del hacer, desde la iniciativa de la construcción de la escuela por parte de la propia comunidad, así como en lo que respecta a las dinámicas creativas, inventivas y astutas de quienes participaron en su cotidianidad escolar. La metodología está anclada en una investigación cualitativa, de carácter histórico y como recursos se utilizaron testimonios orales y documentos históricos sobre la educación de la ciudad de Sinop-MT. Es una propuesta para la escritura de la historia que se asume como una versión inacabada, llena de disparates, como diría Manoel de Barros. Sin embargo, se trata de la composición de una historia a contrapelo, desde las perspectivas de un hacer ciencia con arte y poesía, invitando al lector a mirar un pasado, en el que cada uno, a su manera, ejerció sus artes de hacerse sujeto como nadie, cada uno con la singularidad que le era propia.

PALABRAS CLAVE: Historia de la Educación; Michel de Certeau; Manoel de Barros.

Apresentação

*O olho vê, a lembrança revê, e, a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.*

Manoel de Barros

“Transver” o mundo do fazer científico a partir da imaginação criadora que nos alimenta enquanto seres humanos, fazedores de história, artesãos de conhecimento e cultura, esta foi a premissa adotada na escrita desta investigação. Numa tentativa em que a ciência, a arte e a poesia pudessem oferecer um texto leve, sem absolutismo, mas com um diálogo interdisciplinar que destacasse as circularidades de fazeres e saberes daqueles que não tiveram sua história contada pela história oficial. Uma história a contrapelo, como nos ensina Benjamin (1987), no ensejo de discutir e ampliar os campos epistemológico e empírico e, por que não, artístico e poético da vida.

Assim, este trabalho propõe apresentar a experiência de uma pesquisa historiográfica sobre o cotidiano escolar de uma instituição educativa, na qual teve como principal referencial teórico Michel de Certeau, unido à poesia de Manoel de Barros. Para tanto, a experiência da pesquisa volta-se para destacar as artes de fazer, desde a iniciativa da ‘construção’ da escola pela própria comunidade, como também no que se refere à dinâmica criadora, inventiva e astuciosa daqueles que participaram do seu cotidiano escolar.

Inspirada por Michel de Certeau e pelo poeta mato-grossense Manoel de Barros, a pesquisa: “A Reinvenção da Escola: História, memórias e práticas educativas no período colonizatório de Sinop – MT (1973-1979),”¹ é um trabalho que traz à memória as coisas pequenas, os detalhes considerados simples, banais aos olhos do mundo, mas que contém vestígios de ações que construíram a história da educação mato-grossense e brasileira; invenções e reinvenções que marcaram o cotidiano de professores e alunos que buscaram na educação força e forma de alteração de suas condições de vida.

¹ Pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação, a qual este trabalho pertence.

Neste sentido, entende-se com Albuquerque Júnior (2007, p. 27) que “a história possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o in-venta”.

Deste modo, a escrita desta pesquisa se insere nas discussões sobre a cultura escolar, a qual busca condizer com as perspectivas e análises da Nova História Cultural, apontando para uma história que se detém nas singularidades (Rohden, 2016).

Com Certeau em sua obra “A escrita da História”, entende-se que pesquisar a educação dentro de uma abordagem historiográfica, é preocupar-se com a articulação da realidade investigada e a escrita que se fará da história, para lhe dar o aspecto de criação e não mais de mera leitura. Diante disso, utilizou-se de fontes históricas, entrevistas e qualquer outro vestígio que se permitisse perceber as marcas da história. Desta forma, com dados coletados, a escrita da presente pesquisa, pretendeu narrar uma história da educação fazendo uma aproximação com a poesia, na perspectiva de conceber o conhecimento técnico, científico não como algo fragmentado e absoluto, porém, um entrelace das áreas do conhecimento com o espírito artístico e poético do cotidiano, com a *poiesis* da vida.

Nas curvas do passado em estudo...

A reta é uma curva que não sonha.
Manoel de Barros

O pensamento do poeta Manoel de Barros na epígrafe inicial deste subtítulo, nos faz refletir sobre o que é a vida, senão muitas curvas, trajetos marcados por desvios, inúmeras direções, retornos, movimentos aduncos. E, foi sentindo a vida deste modo, que intentei realizar uma pesquisa sobre a história de uma Instituição Escolar, que se entrelaça com a história de Sinop, uma cidade da região norte de Mato Grosso. A intenção da pesquisa era sobretudo, não se preocupar em apresentar uma história cronológica, feita de retas, mas, uma versão da história que oferecesse ao leitor a reflexão sobre a criação e invenção que ambas - cidade e escola, criadas juntas, pelas artes de fazer de pessoas comuns reinventaram suas vidas, durante a década de 1970, num processo de migração e ocupação territorial.

Uma história feita de muitas curvas, logo, de muitos sonhos. Sonhos e decepções marcaram a trajetória dos migrantes, que vindos especialmente da região Sul do país, se direcionaram para o Centro Oeste, em busca da “terra prometida”, do “Eldorado”, que faria suas vidas e de seus filhos ser transformadas para alcançar um futuro promissor.

Mesmo porque, era isto que lhes fora prometido naquele contexto histórico pelas propagandas e discursos ufanistas promovidos pelo Estado e pelas Colonizadoras privadas, na tentativa de atrair migrantes para ocupar a região amazônica com o discurso da terra farta, que tudo que se plantasse, se colheria.

Entretanto, mal sabiam estas pessoas, que as promessas eram utópicas, que o solo até então sem os investimentos necessários não produziria nada, não imaginavam que aquelas extensas terras amazônicas com o suor dos seus trabalhos, da sua mão-de-obra, ajudaria apenas a ‘enriquecer’ uma minoria. Eram estas pessoas, estes homens comuns, cuja ‘esperança vinha na frente’ (Oliveira, 1983), que precisariam não apenas recomeçar suas vidas, mas, sobretudo, construir uma cidade, uma de tantas outras, que violentamente dizimaram territórios já habitados, degradaram florestas, em nome de um ilusório discurso de “progresso”.

Assim, a partir dos estudos de Certeau (1998), buscamos direcionar um olhar para o cotidiano deste processo migratório, considerando as experiências, as dificuldades, daqueles que não tiveram suas histórias contadas pela narrativa oficial. Desta forma, enfatizamos neste trabalho as táticas, as astúcias, as artes de fazer (Certeau, 1998), dos migrantes que ao se deparar com uma realidade totalmente desconhecida, em plena floresta amazônica, tiveram de reinventar àquele espaço, criar em meio àquele cotidiano, e organizar entre eles mesmos, o que viria ser a primeira escola.

História de uma escola ‘inventada’

Para mim quem descreve, não é dono do assunto: quem inventa é.

Manoel de Barros

Não ousou descrever o passado. Seria muita pretensão e quiçá um desprestígio com a história. O passado é um morto. (Certeau, 1982), ou seja, “o passado que estudamos é uma construção de nossas mentes”. (Souza, 2012, p. 33). Assim, esta pesquisa voltou-se para contar um passado de uma escola que não pode ser descrito como uma “história absoluta”, mas, como fragmentos de uma escola “inventada”, desenvolvida, arranjada pela comunidade que a criou, e, ao nos reportarmos com testemunhas que vivenciaram tal momento, não se aspirou construir um reflexo da realidade, como explica Certeau:

[...] no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma ‘realidade’ (uma operação técnica etc.) e dar credibilidade ao texto pelo ‘real’ que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do ‘real’ – ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: ‘era uma vez...’ Deste modo, precisamente, mais que descrever um ‘golpe’, ela o faz (Certeau, 1998, p.154).

Deste modo, como sugere Pesavento (1995, p. 117):

A clássica maneira de ser da história – construção de um saber como estatuto de ciência e objetivando a verdade – é substituída por outra, na qual as fontes, matéria-prima da história, são consideradas como “indiciárias” daquilo que podia ter sido e com as quais o historiador constrói a sua versão. Neste caso, a história, se reveste de uma função de criação, ao selecionar documentos, compor um enredo, desvendar uma intriga, recuperar significados.

Com isto, a escola, que nos dispomos discutir, é, sobretudo, resultado das astúcias humanas, das táticas que os primeiros migrantes encontraram para impor o desejo coletivo de se ter uma escola diante de uma sociedade em construção. Em consequência disto, a escola a qual nos dirigimos partiu de um movimento próprio, de um espaço onde as ações se desdobraram, onde criação e invenção são nomes próprios, vistos pela ótica das artes de fazer (Certeau, 1998).

“O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (Certeau, 1998. p. 38). Deste modo, é a partir deste movimento de transformação, de criação, de caça não autorizada, de invenção do cotidiano que destinamos nosso olhar para discutir a instituição da educação nos anos iniciais do processo de colonização da cidade de Sinop.

Como mencionado, a maioria dos migrantes chegados em Sinop eram oriundos do Sul do país, e, os colonizadores neste contexto eram cientes de que os migrantes sulistas tinham na educação um referencial, “que a escola fazia parte da sua cultura, que “mandar” os filhos para a escola era uma obrigação da família, e, portanto, caberia aos pais fazê-lo” (Peripolli, 2002, p. 121). Nas palavras da ex-professora Anísia Mendes Gobbo (2012), “mesmo os pais vindos para aquele fim de mundo, (...) eles queriam ver seus filhos estudando (...) a educação era o futuro”.

Desta forma, utilizando-se desta concepção do que representava a educação para aquelas pessoas, a empresa colonizadora anunciava em suas propagandas além da terra farta, “que tudo dava” (Depoimento Guerra, 2012), também a promessa da escola aos filhos desses migrantes.

Contudo, mais uma vez as promessas eram muitas, mas a realidade encontrada era outra. Não havia escola como prometido. A escola mais próxima se localizava a 80 km de distância na cidade de Vera-MT, cuja única estrada de acesso não era pavimentada, ficando intransitável no período chuvoso, ou seja, aquele restante de ano provavelmente não haveria possibilidades de que os filhos daqueles migrantes pudessem dar continuidade aos estudos.

Foi então que fugindo das teias da conformidade, os migrantes se organizaram para ‘fazer a escola’ e reinventar aos seus modos o início de um ‘sistema educacional’ em meio àquele espaço.

Organizados, os migrantes solicitaram à colonizadora que lhes havia feito tantas promessas a construção da escola, uma vez que não tinham acesso ao governo do estado, e, o poder municipal se localizava em Chapada dos Guimarães, também a mais de 500 km de distância, cuja rodovia BR-163, que ligava as cidades, na época também sem pavimentação asfáltica, dificultava demasiadamente o trânsito, além disto, a ausência de meios de comunicação impossibilitava qualquer contato.

Nas recordações da professora Terezinha Pissinati Guerra (2012), “os pais começaram a pressionar a colonizadora, os próprios migrantes começaram a correr atrás, eles diziam: ‘vamos fazer a escola’, ‘quem faz o quê’, ‘quem vai dar aula’, ‘precisamos arrumar professor’”.

Com insistência na escola, os migrantes recorreram à colonizadora, a qual lhes ofereceu os materiais para a construção de uma sala de aula. De acordo com os depoimentos analisados, a Colonizadora propôs uma troca – forneceriam a madeira, telhas de Eternit e outros materiais enquanto aos pais-migrantes caberia a mão de obra.

Não houve outra opção, “se não há escola, que inventamos uma! Pois, se tem material, vamos fazer uma escola” diziam os migrantes. Assim, em regime de mutirão,

Juntaram-se uma turma de homens, (...) uma turma de gente, e ali construíram a escola, poucos dias e a escola estava de pé, só que não tinha cimento para fazer o piso, então ficou na terra mesmo, piso de chão batido como alguns falam, se molhava - virava barro, aquele barro branco, grudento; se deixava seco - era aquela poeira. As carteiras foram feitas de tábua bruta, daquelas de sentar-se de dois, tudo foram os pais que fizeram. Lembro que eram muito pesadas, não tinha como tirar do lugar. E foi assim que tudo começou (Depoimento Guerra, 2012).

A pequena sala de aula – ‘a escola dos migrantes’, construída para atender as crianças do povoado, era “como uma casa de madeira, com quatro janelas, uma porta e só, não tinha mais nada” (Depoimento Guerra, 2012). Assim que ficou pronta, além de funcionar como escola, “passou a funcionar como igreja, como salão de encontros, reuniões, para tudo servia o mesmo prédio” (Depoimento Guerra, 2012).

Com a sala de aula construída, era preciso então encontrar alguém que pudesse ‘ensinar’ às crianças. Assim, mais uma vez, os migrantes se organizaram e dentre eles, era preciso escolher os mais instruídos para tal exercício. Nas lembranças da primeira professora, Terezinha Pissinati Guerra, ao recordar de quando a procuraram para ser a professora, ela relembra que aceitou tal pedido devido tanta insistência daqueles pais. A professora mencionada, tinha estudado até a sexta série no Paraná, não tinha nenhuma experiência, mas as crianças precisavam estudar, foi então que decidiu ajudar, se tornando a professora da ‘escola dos migrantes’, contratada para tal função pela empresa colonizadora.

Escovando o passado, escovando as palavras

Eu queria escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma.
Manoel de Barros

Ainda, tomada pelas criações de Michel de Certeau e pelo poeta mato-grossense Manoel de Barros, busquei na escrita de tal pesquisa-história, utilizar-me das lentes do microscópio, para perceber as coisas pequenas, os detalhes considerados simples, banais aos olhos do mundo, mas que neles estavam contidos vestígios das ações que construíram a história, das invenções e reinvenções que marcaram o cotidiano de todos que vivenciaram tal cotidiano.

Resolvi então pensar a escrita pelo ‘meio’ das palavras, para encontrá-las no seu “acriançamento” ou nas “insanidades dos verbos”, talvez por onde tudo “tenha começado ou quando não foram ainda modeladas pelas mãos”, como nos ensina o poeta Manoel de Barros.

Em meio aos pensamentos e independente deles, percebi que só poderia escrever a partir dos lugares que ocupo, e, dentre esses lugares escolhi aquele que vê o cotidiano, a construção da

história pela ótica do fazer, eminentemente ligado ao pensamento de Michel de Certeau, assim como escolhi aquele capaz de brincar com as palavras e que vê a grandeza nas coisas ‘pequenas’, o poeta Manoel de Barros e a sua poesia. E foi Certeau e a poesia de Manoel, que me fez embarcar nessa tarefa de perceber a importância da escrita da história (Certeau, 1998), e seus “despropósitos” (Barros, 2010).

Manoel e seus escritos nos permitem ter uma percepção aguçada daquilo que particulariza, que dá singularidade aos tempos que correm; daquilo que constituiria a nossa condição histórica, hoje. Ao mesmo tempo, o poeta proporciona ao corpo dos pesquisadores desta história, uma forma sugestiva de apreender o mundo por meio do estranhamento que suas palavras nos provocam, possibilitando-nos a construção de outro modo de conhecer o mundo. (Costa, 2008).

“E como seria este outro modo de conhecer o mundo?” (Costa, 2008). Michel de Certeau, assim como Manoel de Barros nos convida a rever e a redirecionar o olhar sobre a história, sobre “as fontes, os registros históricos do grandioso, do heroico, do famoso, do grandiloquente, para valorizar as borras, os ciscos, os trastes, o minúsculo, o anônimo, o silenciado, os monturos da História que se formam com o tempo” (Costa, 2008).

Para tal, trago alguns versos do poeta, os quais provavelmente Certeau também concordaria, os quais nos dizem: “Prefiro as palavras obscuras que moram no fundo de uma cozinha – tipo borra, latas, cisco. Do que as palavras que moram nos sodalícios – tipo excelência, conpíscuo, majestade” (Barros, 2005).

Com isto, que possamos perceber e pensar na escrita da História da Educação voltando-se para as borras, as latas, os ciscos. E, que, assim como o poeta, possamos conceber a sensibilidade de ver nos detalhes, no minúsculo, no banal. Que possamos enxergar em cada vestígio a produção humana, enquanto sujeitos, fazedores e produtores de história.

Prezo para que, enquanto pesquisadores, possamos perceber a necessidade de romper com uma metodologia de escrita tão dura, tão técnica, sem perder, é claro, com o compromisso da cientificidade, com a construção do conhecimento. Sobretudo, que este romper seja marcado pelo que nos ensina Albuquerque Júnior (2007, p. 63-64):

“‘Inventar’ e ‘imaginar’ são verbos que fazem parte das metodologias silenciosas, ou silenciadas, da historiografia: “a interpretação em História é a imaginação de uma intriga, de um enredo para os fragmentos de passado que se têm na mão”, todavia, ressalva importante, “isto não significa esquecermos nosso compromisso com a produção metódica de um saber, com o estabelecimento de uma pragmática institucional, que ofereça regras para a produção deste conhecimento, pois não devemos abrir mão também da dimensão científica que o nosso ofício possa ter”.

Deste modo, ‘escovaremos a história a contrapelo’ (Benjamin, 1987), ou mesmo ‘escavando palavras’ como sugere Manoel de Barros. Pois, “escavar, é o trabalho meticuloso e paciente do historiador da Educação ao conviver com pergaminhos embaralhados, riscados e várias vezes

reescritos. É por isso que a História da Educação exige a “minúcia do saber olhar um grande número de materiais acumulados”. (Costa, 2008). Isso exige do historiador a paciência e o aprendizado do ofício do poeta que ‘escava palavras’. Ensina Manoel de Barros (2003, p. 24):

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei em escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda biógrafos.

Finalmente, que possamos então, escovar palavras, escavar a história, como nos ensina o poeta, e que os olhos que viram levem a lembrança capaz de rever, e na imaginação a possibilidade de transver, de criar novos apontamentos para os rumos da educação, a partir da borra, das latas, dos ciscos da sua história.

Para que então, possamos trazer em nós as lições do poeta as quais um dia ele aprendera com um artista:

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano): -
- A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo [...].
(Barros, 2004, 35).

Contudo, é preciso desformar a história, de forma a pensar, para rever e para transver o fazer ciências na/da educação.

A produção escrita: uma experiência com Michel de Certeau e Manoel de Barros

Tudo que não invento é falso.
Manoel de Barros

À primeira vista, iniciar uma reflexão com tal epígrafe poderia levar o leitor a ter a impressão de que tudo o que foi tratado neste trabalho, seja apenas uma invenção da autora, uma simples história-ficção. Contudo, declaro que realmente trata-se de uma pesquisa- invenção. Entretanto, uma invenção não no sentido de escrever uma história com falsos vestígios ou algo parecido, visto que não teria tal desrespeito a todos que contribuíram para com o trabalho, para com o leitor e

para com a própria pesquisa acadêmica, que exige rigor e seriedade. A palavra ‘invenção’ assume, aqui, como em todo decorrer do processo, o sinônimo de criação e das artes de fazer do humano.

Parafraseando Manoel de Barros, tenho a convicção de que tudo o que não crio, que não deixo as minhas marcas no fazer, o que, portanto, não ‘invento’, é superficial, é falso – “Eu me interrogo sobre o que fabrico, pois, o ‘sentido’ ali está, escondido no gesto, no ato de escrever” (Certeau, 1998, p. 298- grifo do autor).

A minha preocupação principal durante toda a escrita da história foi esta: conseguir, mesmo que minimamente, tomada por uma perspectiva culturalista, escrever uma versão da história que atribuísse a ela uma história significada pelos sujeitos que a produziram, uma história em que o fazer humano fosse enfatizado e reafirmado, uma história que direcionasse seu olhar para as coisas minúsculas, cotidianas, consideradas banais para a história oficial, mas repleta de sentidos, valores, alegrias e dores dos ‘heróis sem nomes’ que não tiveram seus rostos mostrados pela história vista de cima. E por isso, uma história-inventada, história-arte, história-criação, sem compromisso de apresentar uma verdade única, absoluta, a qual a Modernidade sempre exigiu dentro de uma perspectiva positivista, até então revestida por uma totalidade inquestionável no ‘enquadrar’ da pesquisa científica, mas de fazer uma história repleta de vestígios, traços, linhas e marcas de uma produção humana, criada e recriada a golpes sutis, dentro de um jogo astucioso, de estratégias versus táticas, de lugar versus espaço, onde um incorpora o outro, numa dinâmica transformada em prática, em ação, em artes de fazer (Certeau, 1998).

Diante disso, reconhecendo as estratégias de imposição e a lógica do jogo vindo de um lugar, assim como as relações de poder que se configuravam no contexto da escola em análise, partindo do pressuposto de que, sendo a escola um lugar de produção de uma cultura específica, onde ressoavam as mais diferentes experiências cotidianas, havia algo no cotidiano dela que constituía de maneira singular a experiência da escolarização de cada sujeito, mesmo diante dos discursos ordenadores e reguladores daqueles que detinham o poder, da imposição do silêncio, do controle da disciplina, do aprendizado dos conteúdos difundidos na escola, dentre outras ações que constituíam o conjunto de práticas intencionalizadas por um lugar próprio.

A partir desse olhar, reconhecemos na cultura escolar produzida pelos sujeitos da instituição a possibilidade de concebermos a história de um cotidiano marcado pela criação, invenção e reinvenção daquilo que os sujeitos faziam com os produtos que lhes eram fabricados. As estratégias de práticas intencionais estavam em conflito com as táticas de subversão e a escola, bem ou mal, lidava com este processo de tensão, pois não conseguia manter rigorosamente tudo à maneira que lhe convinha, fazendo-se presentes as práticas desviantes que fugiam, escapavam às normas e, muitas vezes, talvez na maioria delas, não eram percebidas, ou simplesmente eram vistas como banais, rotineiras, sem ‘periculosidade’ (Certeau, 1998).

Com isto, para escrever a versão desta história-pesquisa, de acordo com Prado (2012, p.)

“vislumbramos a interdisciplinaridade como possibilidade de enriquecimento tanto no ensino da disciplina História como no desenvolvimento da historiografia, tendo em vista que toda produção cultural possui sua historicidade, sendo construída num tempo e espaço”.

História. Tempo. Passado. Migração. Colonização. Educação. Um conjunto de palavras que exigiram rigor, compromisso para mapear, em meio às muitas peças de um quebra-cabeça, a escrita desta história. Neste universo onde o historiador junta as peças para apresentar uma versão compreensível da realidade pesquisada, aprendi nesse meu ‘processo migratório’ (o que para um historiador pode ser óbvio) que deveria adotar novas posturas diante do que para mim naquele momento era novo: como, por exemplo, que deveria olhar para uma fonte escrita não mais como um mero papel antigo, com marcas amareladas do tempo, mas como vestígios de produção humana; percebi ainda que precisava ver nas fotografias mais do que simples imagens, mas registro de vidas que, de certa forma, pareciam ainda pulsar e que queriam me dizer algo, sobretudo diante das fontes orais, quando aprendi que deveria ‘sentir’ as vozes daqueles que vivenciaram tal experiência. Digo sentir, pois, mais do que ‘ouvir’, senti no olhar de cada testemunha histórica, no gesto encenado a cada conversa, na expressão de cada face, nas lágrimas e risos de cada lembrança o quanto o documento oral é rico aliado para o entendimento da história, tem um valor muito significativo, talvez pelo simples fato de ser construído em conjunto: no momento da entrevista, entre aquele que conta e aquele que ouve, para que depois possa ser narrado por este último, deixando à mostra sua subjetividade na própria autoria, o que me fez ser tomada por curiosidade e certa emoção, que me permitiram “ler a história passada, revisando-a, passando-a a limpo e reescrevendo-a” (Albuquerque, 2006, p. 27).

Assim, na tentativa de ‘delinear’ um caminho para percorrer o seu contorno optei por iniciar com uma contextualização histórica do lócus da investigação, bem como do processo de migração. A partir do referencial teórico adotado, das fontes encontradas, dos relatos dos migrantes entrevistados, percorri um caminho (não linear e tampouco tranquilo, como dito no início!) que possibilitasse o entendimento desta história como ‘acontecimento’ narrado pelos sujeitos que a produziram.

Entretanto, o que me instigou ao analisar as memórias dos migrantes que entrevistei nesta pesquisa e ao ter contato com outras entrevistas já realizadas, é o quanto a imagem do presente se sobrepõem às dificuldades e aos sofrimentos do passado, fazendo com que os momentos vividos e superados influenciam hoje no progresso da cidade, reforçando sobretudo, não a saga, as lutas, mas sim a ‘vitória’. Como nos diz Joanoni Neto (2014, p. 3), “a memória é refém do tempo presente. Os sucessos ou insucessos alcançados nessas novas terras, as percepções e questionamentos sobre a experiência vivida, influenciam na presentificação da memória, na sublimação ou destaque dos momentos vividos”. Como diria Certeau (1998, p. 162), “como os pássaros que só põem seus ovos no ninho de outras espécies, a memória produz num lugar que não lhe é próprio”.

Contudo, ao que se refere ao ‘panóptico’ instituído na escola para controlar, disciplinar, silenciar - “uma prática panóptica a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas

em objetos que se podem observar e medir, controlar, portanto, e ‘incluir’ na sua visão” (Certeau, 1998, p. 100), havia também, na dinâmica da sala de aula, uma produção cultural específica, onde os ‘fracos’ jogavam sutilmente com os ‘fortes’, sem entrar em confronto direto, sem ser necessária a imposição dos ‘fracos’, mas aos seus modos, aos seus jeitos de fazer e com suas mobilidades táticas fazendo aparecer suas artes de fazer, conseguiam estar onde ninguém esperava (Certeau, 1998, p. 101), mobilizando as estratégias do forte, fazendo daquele lugar um espaço, tornando-o, então, um lugar praticado - lugar que movia-se, lugar que se escondia e aparentemente dominado, porém conquistado, recriado e transformado em espaço no mundo (Albuquerque, 2006), daqueles que nele habitavam.

Propomos um olhar para esse lugar: escola, como espaço onde uma produção cultural específica era criada, recriada, reinventada, em que habitualmente nessa dinâmica, nesse jogo de ‘fortes e fracos’ instituíram-se estratégias modeladoras e táticas de subversão. Nesse cenário, as relações de poder se revelavam no interior daquela instituição escolar, enquanto lugar-espaço onde foram estabelecidas relações sociais e concomitantemente se difundiam saberes e conhecimento. Contudo, utilizando-me das conclusões de Gonçalves (2004, p. 13), foi neste contexto dentro do período estudado que:

[...] essa realidade, que essas práticas foram inventadas, ou reinventadas, gerando não somente as ações passivas de reprodução das imposições formais dos regulamentos e programas prescritos, mas, sobretudo, desenvolvendo uma relação complexa de astúcias com tais imposições, com tramas de sociabilidades entre os atores e seus pares e com outros sujeitos implicados nas relações mais extensas, seja no seio familiar, comunitário ou outros. Relações amplas de negociações, de conflitos, de burlas, de transgressões, de criação e de resistência, que fazem parte do constituir-se da escola.

Neste processo de uma pedagoga nos trabalhos com a história, precisei adaptar-me às novas leituras e métodos, reinventando-me como historiadora da educação, tarefa difícil, uma espécie de arqueologia combinada com sociologia, antropologia, filosofia, enfim, tarefa plural, onde ecos de diversas áreas do conhecimento se entrecruzaram no desafio de trazer à luz um discurso compreensível sobre um ‘morto’ (Certeau, 1982), versão de uma reconstrução do passado sob a dimensão de refletir este passado a partir do presente – “O tempo é o senhor da História e, por isso, o conceito-chave do ofício do historiador. Conhecer e compreender os traços de cada época, talvez seja um dos seus maiores desafios, e o seu tempo, por excelência, é o passado, embora não deva se desobrigar de entender o presente” (Bittar, 2012, p. 7).

Contudo, a ‘escola reinventada’ a que propus direcionar o meu olhar, deixaram naquelas paredes marcas escritas da sua história, e, mesmo que aqueles ‘prédios’ hoje foram substituídos e, portanto, já não existem mais, ainda perdura em outro espaço uma escola que, assim como tantas outras em nosso país, é cotidianamente ‘reinventada’, vivamente inserida na história, produtora de cultura, de fazer humano diante da ‘ordem efetiva das coisas’ (Certeau, 1998).

Por fim, o que se intentou nesta investigação foi contribuir para “compreender a escola com base em seu funcionamento interno e nas práticas que disseminou com o intuito de responder às demandas do fazer ordinário da classe, isto é, do trabalho cotidiano em sala de aula, e da relação que estabelecia com a sociedade na qual estava inserida” (Vidal, 2005, p. 166).

Muito embora a escola estivesse voltada para a transmissão de saberes, de juízos, valores e normas a inculcar, para a manutenção da ordem, para a imposição do silêncio e da disciplina, não saberemos o que essa experiência causou em cada um dos sujeitos que dela e nela participaram. Cada aluno, cada professor, cada pessoa que vivenciou aquele cotidiano, sabe apenas falar por si, somente ela sabe dizer que ensinamentos lhe foram úteis e os que nunca lhe serviram.

Reflexões Finais: apenas uma versão da história...

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir os seus encantos.
A ciência não pode medir quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam.*

Manoel de Barros

A escrita adotada nesta pesquisa, intentou principalmente compor uma aproximação entre o discurso científico e poético, acredito que talvez tenha assumido, assim como muitos outros pesquisadores já tenham assumido, ‘um risco’ de me contrapor ao discurso acadêmico tradicional, creio que influenciada por Michel de Certeau, utilizando das minhas ‘táticas’ para ‘fugir’ dos padrões estabelecidos de uma linguagem tão técnica, estrutural que há muito tempo ainda resiste na academia.

Busquei desta forma, encontrar na poesia possibilidades de união com a história (área já tão múltipla do conhecimento), para que, assim, ‘escapasse’ de apresentar sua escrita por um caminho uno, absoluto, mas que possibilitasse ao próprio leitor refletir sobre ela, sobre os efeitos que ela pode fabricar em cada um, na tentativa de, desta forma, construir novos olhares sobre a história da educação, em especial a história educacional que esta investigação se dirigiu, de modo a “mergulhar em uma infinidade de cores e tons que eram imperceptíveis à distância, impostos pela forma de se entender e de se fazer ciência” (Albuquerque, 2006, p. 26), movida por esta razão que entendo e denomino como sendo ‘apenas uma versão’.

Para tanto, minha tentativa de unir traços da poesia com a história foi o de fazer emergir uma linguagem diferenciada, múltipla, e de, assim como Santos (2014), agir como uma pesquisadora que também sente, que também sonha, afinal,

Poetas sonham palavras, o pesquisador também pode sonhar suas palavras, sonhar com a linguagem com as quais irá se colocar diante dos sujeitos de sua pesquisa. Essa preocupação com as palavras, com a linguagem, remete a uma relação diferenciada entre pesquisador e pesquisado; uma relação que transcende à concepção dualista sujeito e objeto (Santos, 2014, p. 10).

Trata-se, conforme Siqueira (2012, p.185):

de uma escrita inovadora, que rompe com as linhas rígidas e até certo ponto imaginárias que circundam os diversos saberes, ao estabelecer um diálogo da pesquisa científica com a poética – instância da razão, a primeira, e do sentir, com Manoel de Barros, a segunda, – facetas inseparáveis de uma mesma realidade, visto que complementares e intrínsecas à trajetória humana – oferece a leitura de um texto leve, poético, mas também e, sobretudo, científico, numa demonstração de que arte e ciência podem, senão devem, manter diálogo frutífero (Siqueira, 2012, p. 185).

Bricolagens de uma historiografia. Versão inacabada, de uma história-arte. Olhar para um passado, em que cada um, à sua maneira, exercia como ninguém suas artes de se fazer sujeito, cada qual com a singularidade que lhe era própria e, isso, “sem sair do lugar onde tem que viver e que impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos” (Certeau, 1998, p. 93). Efeitos de uma escrita imprevisível, que escolhe o ‘divinar dos sabiás’ (Barros, 2010). Parafrazeando Certeau (1998) ‘Mil maneiras de escrever com’, ou ainda, parafrazeando o poeta Manoel de Barros - uma escrita e um fazer história, cheia de ‘despropósitos’.

Referências

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- BARROS, Manoel. O menino que carregava água na peneira. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BARROS, Manoel. Escova. In: *Memórias Inventadas: A infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Manoel. Manoel de Barros por Pedro Paulo Rangel e Manoel de Barros. *Poesia Falada*. Vol. 08. 2004.
- BARROS, Manoel. A Borra. In: *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. V. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas).
- BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. *Acta Scientiarum. Education*, v. 34, n. 02, p. 157-168, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, v.1.

COSTA, Shara Jane. *Manoel de Barros: Entre a Memória e o Esquecimento*. Canoas, Ceará: UFC, 2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/manoel-de-barros-entre-a-memoria-e-o-esquecimento> Acesso em: 18 fev. 2015.

GOBBO, Anízia Mendes. Anízia Mendes Gobbo: depoimento. [14 jan. 2012] Entrevistadora: Josiane Brolo, Sinop 2012. *Gravação digital* (2h 06seg). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a História da Educação em Sinop, Mato Grosso.

GUERRA, Terezinha Vandresen Pissinati. Terezinha Vandresen Pissinati Guerra: depoimento. [25 jan. 2012] Entrevistadora: Josiane Brolo, Sinop 2012. *Gravação digital* (1h 26min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a História da Educação em Sinop, Mato Grosso.

GONÇALVES, Irlen Antonio. *Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891 1918)*. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

JOANONI NETO, V. Amazônia na década de 1970. A fronteira sob o olhar do migrante. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, (16), 186–206, 2014. <https://doi.org/10.46752/anphlac.16.2014.1595>

OLIVEIRA, João Mariano de. *A Esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso de Sinop*. São Paulo: USP, 1983. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PERIPOLLI, Odimar João . *Amaciando a terra - O projeto casulo: um estudo sobre a política educacional dos projetos de colonização do Norte de Mato Grosso*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX). *Revista Anos 90*, Porto Alegre, nº 4, dezembro de 1995.

PRADO, Patrícia Martins Alves do. História e literatura: um diálogo possível. *Territorial caderno eletrônico de textos*, maio, 2012. Disponível em: <http://www.cadernoterritorial.com/news/historia-e-literatura-um-dialogo-possivel-patricia-martins-alves-do-prado/> Acesso em 17/02/2015.

ROHDEN, J. B. *A reinvenção da escola: histórias, memórias e práticas e educativas no período colonizatório de Sinop-MT (1973-1979)*. Cuiabá: EdUFMT, 2016.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. *A cultura do medo no cotidiano da escola: Afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal*. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Mato Grosso: território em constante movimento. Posfácio. In: ROHDEN, Josiane Brolo. *A reinvenção da escola: história, memórias e práticas educativas no período colonizatório de Sinop - MT (1973-1979)*. EdUFMT: Cuiabá, 2016.

SOUZA, José Edimar de. Memórias da trajetória docente em classes multisseriadas: A Professora Élia Maria Thiesen (1958/1984). *Revista da Faculdade de Educação, [S. l.]*, v. 17, n. 1, p. 29–44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4019>. Acesso em: 14 out. 2023.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas Escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Recebido em 14/10/23

Aceito em 23/10/23